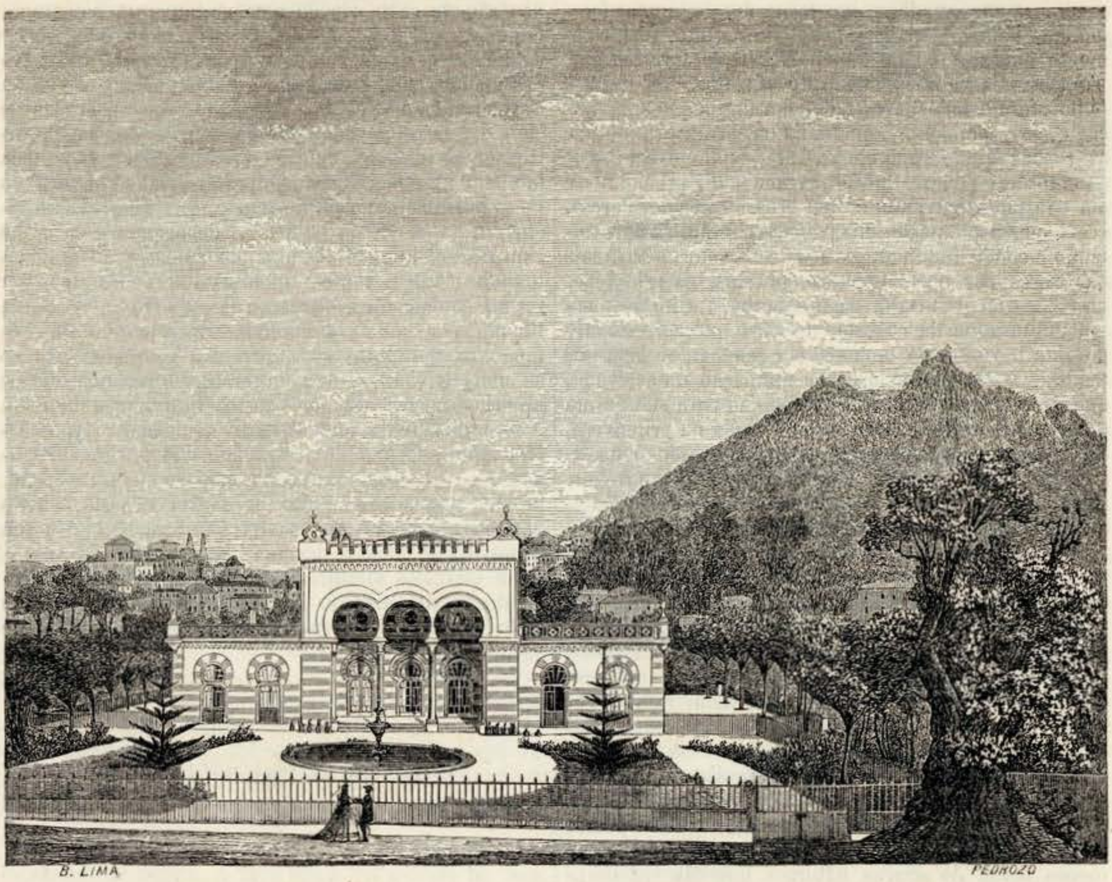


Os Pisões e a quinta do Relogio em Cintra

Dois caminhos dão saída da villa de Cintra para a estrada que conduz a Collares. Um vae pela parte superior da povoação, passando pela bospedaria chamada do Victor, e mais adiante por baixo do arco do marquez de Pombal, que communica as duas partes da quinta d'este fidalgo, cortadas pelo dito caminho. O outro, partindo do centro do povoado, e deixando á esquerda o palacio da quinta já nomeada, corre a juntar-se ao primeiro na extremidade da villa, e já fóra d'ella. D'ahi por diante seguem unidos em uma estrada commum até á villa de Collares.

Apenas medeiam uns cinco kilometros entre as duas villas afortunadas, que a natureza tão prodigamente adornou. Porém em toda essa extensão a estrada é como formosa rua de uma quinta de regalo. Cortando em todo o seu curso pelo dorso da montanha, é sempre assombrada de frondoso arvoredo, que do lado esquerdo vae subindo pelas ingremes encostas entremeiado de enormes penhas, de fórmas phantasticas, e do lado direito descendo, tambem por meio de rochedos descommunaes, e com precipitado declive, para os valles, onde a serra tem a raiz da parte do norte.

É um passeio encantador por onde os olhos e a alma vão correndo de enlêvo em enlêvo. Aqui são lindas casas de campo, de variados typos de architectura, e deliciosos jardins, alguns d'elles ricos de plantas exoticas; alli, sob a espessa copa das arvores, são as fontes que murmuram, caindo em tanques de pedra, ou os arroios que se deslizam preguiçosamente sobre alcatifas de relva, ou as rochas chorando perolas, com que orvalham as avencas e os fetos de folhagem mimosa; ou as levadas sussurrando nos encanamentos que, á flor da terra, se cruzam na montanha como as veias no corpo humano; e por todo o lado do norte largos horisontes, que ora se ostentam desassombrados entre os claros das florestas, ora apparecem furtivamente através da ramagem das arvores, porém deixando ver, de qualquer dos modos, esplendidos paineis de campos e collinas, de montes e valles, semeados de quintas e casaes, e encaixilhados por cordilheiras de serras, que a distancia tinge de roxo-azul, pelo vulto gigantesco do palacio e basilica de Mafra, e pelo Oceano sem fim.

Pois n'esta estrada de tantas bellezas ha um ponto que, em nossa opinião, sobreleva a todos em frescura e amenidade, no effeito gracioso e pittoresco dos contrastes, e na formosura e magestade dos panoramas. Esse ponto, que resume tantas excellencias, é chamado os *Pisoes*, e começa logo á saída da villa de Cintra, onde se juntam, para formar a estrada de Collares, os dois caminhos de que acima fallámos.

Não veiu o nome ao sitio em memoria da célebre familia romana que usou d'aquelle appellido. A sua etymologia, ao que parece, deriva-se da existencia de uns *pisoes* n'aquelle logar, em tempos antigos.[1] A

[1] Os pisões eram moinhos de uma roda dentada, que levantando e baixando, no seu giro, uns páus como martellos, alizavam os pannos que eram submettidos á sua acção. Tambem se applicavam a outros trabalhos. O motor era ordinariamente a agua.

agua que os fazia trabalhar, ainda lá corre por uma quebrada da serra até vir despenhar-se em cascata mesmo junto da estrada.

Antes da cascata, mas perto d'ella, está a *fonte dos Pisões*, pobre de arte, mas opulenta de aguas frigidissimas, que espalham em torno de si singular fresquidão, pois que o manancial cae de alto, primeiramente em um tanque superior, d'onde torna a cair n'outro mais baixo, cercado de assentos.

Do mesmo lado da estrada, em um pequeno reconcavo, correspondente á quebrada da serra, levantam-se as rochas que formam a cascata, tambem com seus assentos de pedra. Outr'ora vinha aqui precipitar-se em constante movimento uma grossa torrente. Porém, crescendo a plantação dos pomares, foram-se aproveitando e conduzindo para os seus reservatorios, as mais das vezes por encanamentos cobertos, as principaes nascentes da parte alta da montanha. Assim se afastou muita agua da cascata, de sorte que ao presente, durante o verão, só uma vez por semana, se bem nos lembra, vem dar-lhe graça e animação uma levada, que é conduzida cada dia da semana para sua quinta differente. No inverno, porém, e ainda na primavera, assume a cascata soberbo aspecto, cobrindo-se de alvissimas espumas, e sussurrando as aguas com fragor.

Figure-se a estrada, a fonte e a cascata, perfeitamente cobertas por uma abobada de verdura entretecida de troncos, d'onde pendem variadas plantas parasitas; imagine-se de um lado a ladeira da serra assombrada por densos bosques, e do outro arvores menos corpulentas deixando entrever por meio dos ramos os paços reaes, sentados senhorilmente em throno de rochas, quasi escondidas por perennes verdores; e no espaço entremédio algumas casas de campo, parecendo ora penduradas das arvores, ora sobre estas erguidas; figure-se tudo isto, e poder-se-ha fazer uma idéa, embora pouco viva, da amenidade e encantos dos *Pisões*.

Proseguindo na estrada dos Pisões, a poucos passos do logar que descrevemos, varia o quadro, mas não é menos bello. As graças naturaes que alli ostentava por mais rustico e singello, por mais fresco e ameno, ficam-lhe aqui amplamente compensadas por outras filhas da arte, e tambem da natureza.

Pelo lado esquerdo estende-se um muro, guarnecido de gradaria de ferro, por cima da qual se debruçam arvores seculares e frondosissimas, fazendo toldo compacto á estrada. É a *quinta da Regaleira*, aprazivel vivenda que dá o titulo de baroneza á sua actual proprietaria, e cujas ruas de bosque se elevam em amphitheatro no recosto da serra.

Pelo lado direito prolonga-se a gradaria de ferro da *quinta do Relogio*, pertencente aos herdeiros do fallecido negociante Manuel Pinto da Fonseca. O jardim, com o seu lago de marmore, dilatando-se por terreno plano ao longo das grades; uma casa de campo, construida segundo o estilo arabe, erguendo-se no meio do jardim; o arvoredo das ruas e sendas tortuosas que vão descendo por ingreme encosta até ao fundo de estreito valle, onde murmura um ribeiro; além do valle outra encosta a subir, e sobre ella campeando os paços reaes e a villa de Cintra, e, sobranceiro á villa e aos paços, o castello dos moiros coroando os mais altos pincaros da serra; tal é o quadro que se desfructa d'aquelle ponto da estrada. A nossa gravura, copiada de uma grande e excellente photographia, representa esse ridente painel.

A quinta do Relogio foi comprada e reedificada pelo mencionado Manuel Pinto da Fonseca. Por essa occasião demoliu-se a casa antiga, e levantou-se no mesmo logar a que vemos agora construida no gosto oriental. Foi delineado o risco pelo sr. Antonio Manuel da Fonseca Junior, filho do professor de pintura historica da academia das Bellas Artes de Lisboa.

A casa é elegante, e produz um lindo effeito em meio de tão risonha paizagem. Mau grado de algumas censuras que lhe fazem, entendemos que aquelle distincto architecto fez um bom serviço publico, variando assim a construcção das casas de campo, que entre nós são de ordinario de uma architectura monotona, e mais propria da cidade. Os arrabaldes de Paris, e de Londres, os de Vienna d'Austria e de outras grandes cidades da Europa, devem a sua principal belleza á variedade dos estilos architectonicos das casas de campo que os povoam. E não se pense que essa variedade consiste sómente na differença dos estilos, mas tambem algumas vezes na promiscuidade d'elles no mesmo edificio, pois que não é raro que os architectos, tratando-se da edificação de pequenas casas de campo, se julguem isentos de sujeição aos preceitos da arte, e tomem quantas liberdades lhes pareçam conducentes á creação de edificios que se distingam por sua originalidade. É certo que succede uma vez por outra sacrificarem a esta idéa não só as mais triviaes regras da architectura, mas até as proprias noções do bom gosto. Entretanto, tambem é fóra de duvida que essa diversidade de typos architectonicos, uns de irreprehensivel pureza e regularidade artistica, outros de extravagante invenção, produz um effeito muito agradavel á vista, effeito que dá realce ás pompas da natureza, e que a seu turno é por ellas realçado.

Se vissemos similhantes caprichos dos artistas ornando as margens do Mondego, do Douro, do Lima e do Minho, estes formosissimos rios duplicariam de encantos.

I. de Vilhena Barbosa.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 147)

IX

«O meu possuidor reconhecêra, desde o primeiro momento, que eu não estava vasia, mas ainda se não déra ao trabalho de verificar a quanto montava a sua nova riqueza. Finalmente, depois de estar saciado de laranjas, cançado de trepar ás arvores, entendeu que era já tempo de attender aos negocios do thesouro. Sentou-se por conseguinte n'uma pedra da estrada, abriu-me com toda a gravidade, e tirou de dentro triumphalmente a moeda de cinco tostões.

—«Olá! um *caiado!* — bradou elle com alegria, e para demonstrar melhor o seu regozijo entoou a aria da *Saloia*, e atirou commigo ao ar a uma distancia immensa, com grande desespero meu, porque vim assustadissima, aos trambolhões pelo espaço, cair na mão aberta do garoto.

«Este não ficou em contemplação diante do seu thesouro; metteu-o outra vez no sitio em que estava, levantou-se, e continuou o seu caminho, cantando com uma voz de Stentor, atirando commigo ao ar, e tomando-do, para me recéber, attitudes de tambor-mór.

«A estrada, que se ia approximando da cidade, ia sendo tambem mais frequentada. Os caminhantes multiplicavam-se, e as casas começavam a apparecer. Nem por isso o gaiato deixou de cantar a *Saloia* a plenos pulmões, com grande escandalo das velhas sentadas nos degraus das portas, que acompanhavam cada estrophe da aria popular com um desafinadissimo côro de imprecações.

—«Valdevinos! — Bregeiro! — Gaiato sem emenda! — D'onde vens tu, maroto? — Ah! boa sova! — Fosse eu tua mãe que te havia de moer o corpo com pancadas! — Só se perdiam as que caissem no chão! — D'onde vens tu, desavergonhado, vens de roubar la-

ranjas? — Tu vaes direitinho para o inferno! — *Berzabum* te valha, dêmo pequeno! — O descarado vem a cantar para quebrar a cabeça ás almas christãs! — Quem te pozesse uma farda ás costas!

«E outras amabilidades de egual jaez, a que elle só respondia, grave e serenamente, com esta invariavel apostrophe:

— «Eh! bruxas!

«Quiz o acaso que passasse ao nosso lado um sujeito gordo, com umas barbas de phariseu, uns olhos esgazeados e orlados de vermelho, uma d'estas physionomias baixamente orgulhosas, onde se lê ao mesmo tempo o servilismo para com os poderosos, o desabrimento para com os humildes. Desbarretava-se até ao chão quando passava alguma carruagem, onde ia pessoa conhecida d'elle, e correspondia ligeiramente á saudação dos pobres trabalhadores, que levantavam o chapéo, com aquelle ar gravemente cortez dos homens do campo, para lhe dizerem:

— «Guarde-o Deus, senhor Domingos Gil.

«Para o meu gaiato, vêl-o, e conceber a idéa de lhe fazer alguma, foi acto simultaneo. Com um sorriso malicioso nos labios enrolou-me na mão muito bem enrolada, de sorte que só ficasse de fóra o sitio onde estavam os cinco tostões, e approximando-se, pé ante pé, do empavezado passeiante, ergueu a mão, vibrou-me com toda a força, e fez-me desabar, indo a meia corôa de esquina, na copa do chapéo do gorducho.

«A *gebada* foi magistral; o chapéo enterrou-se até aos olhos; e em quanto o dono d'elle, espumante de raiva, procurava desembaraçar a cara d'aquelle inesperado involucro, o rapaz poz-se fóra do seu alcance, e, já lá muito ao longe, ouviu as exclamações furiosas da sua victima, que ameaçava prendel-o, matal-o, enforcal-o, esquartejal-o.

«O homem ficára desesperado. Pois não tinha razão; o seu chapéo, como sempre, tinha-se curvado ao dinheiro.

X

«Livre de perigo, o meu dono, reflectindo no caso, houve por bem rir-se ás gargalhadas do que praticára. Com effeito merecia a pena. Eu, apesar de ter padecido, não desgostei da correcção.

«Depois de se rir á vontade, entendeu o auctor da *gebada* que não poderia ser completa a sua satisfação se não visse a cara do paciente depois do castigo. Reflectiu como poderia conseguir vêl-o sem ser visto, e como a fim de reflectir melhor, quando olhava para o ceo a procurar inspiração, deu com a vista n'uma arvore que se erguia mesmo ao seu lado. Vêl-a, e trepar a ella, foi uma e a mesma coisa. O mirante era optimo, bem arejado, completamente resguardado da curiosidade dos profanos, proporcionando ao seu habitador provisorio um delicioso panorama para se entreter em quanto não passasse aquelle a quem esperava. Attendendo pois ao merecimento e mais partes que concorriam na pessoa da dita arvore, estabelecemo-nos n'ella sem ceremonia, eu n'uma caminha de folhas, elle encostado a uma especie de janella verdejante, d'onde via optimamente tudo quanto se passava na rua.

«Assim, todo escondido, de joelhos, com a sua physionomia curiosa e maliciosa á espreita por entre os ramos, parecia um macaquinho agil, que espera occasião propicia para apanhar um fructo que lhe fica distante.

«Por baixo de nós um pobre velho, pallido, magro, macilento, mostrando no rosto a timidez envergonhada d'aquelles que um soffrer verdadeiro obriga a pedir esmola, estendia o chapéo a quem passava. Lagrimas silenciosas lhe deslisavam nas faces encovadas; o sêllo da desventura estava gravado na sua fronte livida. Os cabellos brancos, que o vento agitava, cingiam aquelle infortunio de uma aureola de magestade. Era augusta aquella miseria!

«Comtudo, nenhum dos que passavam deixava cair uma pobre moeda de cobre n'aquelle chapéo supplicante, que se lhes estendia. Uns seguiam desdenhosos o seu caminho, sem responderem sequer com um gesto á muda rogativa do mendigo! Outros, um pouco mais humanos, faziam distrahidamente um gesto negativo, levando ao mesmo tempo a mão ao chapéo. Outros, mais caritativos ainda, murmuravam «Tenha paciencia» ou «Não levo troco», e todos diziam, lá de si para si, a phrase conhecida: «Este maroto provavelmente tem mais dinheiro do que eu. Desavergonhados! Abusarem assim da caridade publica! Os que mendigam não são os que precisam; nas aguas-furtadas é que se aninha a verdadeira pobreza».

«Ah! miseraveis! que fingis pensar que é um officio divertido o expor-se um velho, alquebrado de forças, ao sol, ao vento, á chuva, ás humilhações, ao desprezo, para fazer uma pobre colheita de dez ou doze moedas de cinco réis, e ás vezes de nenhuma! E a chuva a inundar os membros mal resguardados do pobre pae de familias! E o sol a abrazal-o! E a imagem dos seus filhinhos, lividos e esfomeados, a despertar-se-lhe na imaginação, e a redobrar-lhe as amarguras!

«Porque vós não sabeis, ou antes fingis não saber, vós que julgaes que esse homem vem pedir esmola para se ir embebedar na taverna proxima, não sabeis que ha n'algum canto obscuro e doentio da cidade uma familia de espectros, que espera anciosamente a volta d'aquelle a quem despedis com as mãos vasias! Não sabeis, vós que accusaes de falta de resignação, de falta de animo, o pedinte que vos exora com as lagrimas nos olhos, não sabeis que lhe foi necessario mil vezes mais valor para se embrulhar na pobre capinha, sair furtivamente do misero alojamento, e ir collocar-se, espectro da miseria, ás portas da opulencia, do que lhe seria preciso para se despenhar da janella da sua agua-furtada e despedaçar a cabeça nas lages da rua!

«Continuemos.

«Todos passavam, como já disse, e ninguem dava sequer ao pobre velho a esmola de um olhar de compaixão. O meu gaiato mirava-o de vez em quando.

«Passou finalmente o sr. Domingos Gil. O pobre velho estendeu-lhe o chapéo, murmurando mansinho:

— «Uma esmola por amor de Deus. Meus filhos morrem de fome.

«O sr. Domingos Gil vinha, como facilmente imaginará, de muito mau humor. Trazia a *gebada*, para assim dizer, atravessada na garganta. As sobrancelhas franzidas, o olhar fusilante, a cara fula de raiva, denunciavam o rancor que o consumia. O chapéo, ainda um pouco amolgado, tambem mostrava resentir uma nobre indignação.

«A voz do mendigo como que abriu no sr. Gil uma valvula de segurança, por onde póde sair uma porção de colera, que, mais tempo contida, o faria rebentar. Evitou-se d'esta fórma uma grave perda para a humanidade.

«O sr. Gil desabafou, bradando, ao passo que desviava bruscamente o chapéo do pobre velho:

— «Sucia de mandriões! Estão estes marotos á esquina de todas as ruas, para nos roubarem o dinheiro que nos custa a ganhar com o suor do nosso rosto! Vossê não tem vergonha de pedir esmola? Vá trabalhar, ou metta-se no hospital, se está doente, ou vá para o asylo! Está o governo a pagar um bom par de contos de réis alli em Santo Antonio dos Capuchos, e pessoas ricas a deixarem quantias avultadas, que bem tolo é quem cáe em tal, não ha de ser nunca o meu dinheiro que elles hão de apanhar; mas está alli aquelle estabelecimento prompto a receber todo o fiel patife que não tem eira nem beira, para quê? Para

andarem estes velhacos a incommodar-nos. Fosse eu da camara municipal! Rede para os cães, rede para os mendigos. Vá para o demonio! Não lhe dou nem cinco réis! Canalha!

«E o digno homem continuou magestosamente o seu caminho.

«Uma lagrima caíu das palpebras abrazadas do velho! Fez um gesto de resignação, e deixou pender a cabeça sobre o peito.

«E a noite estendia já sobre a terra o seu manto negro. A noite com o seu duplo cortejo de alegrias, de festas, de prazeres, de suspiros enamorados, e de tristezas, de crimes, de horrores, de soluços da miseria! A noite, fada mysteriosa, e negra feiticeira! A noite que se deixa illuminar pelo lustre dos salões, e pela candeia das aguas-furtadas, mas felizmente tambem e em toda a parte pelo fulgor das estrellas, que é o olhar de Deus.

«E o velho scismava tristemente. Não tivera resultado o sacrificio! Nem um pedaço de pão podia levar aos filhos esfaimados! Tristeza! A brisa soprava asperamente, e elle não a sentia! As lanternas das carruagens que passavam pareciam olhar para elle ironicamente, mas as estrellas, essas miravam-n'o tristemente.

«E o velho scismava! A pobre agua-furtada, onde vivia, representava-se-lhe na imaginação! Via a filha doente, ella que á força de trabalho sustentava os irmãos, os pobres innocentes, que pediam de comer! E elle, o triste velho, ia-lhes apparecer sombrio, para lhes dizer: «Morrei, não tenho que vos dar»!

«Então pareceu-me ver na fronte do garoto surgir uma estranha aurora! Immovel na arvore, contemplava o pobre velho, e a sua physionomia maliciosa tornava-se pensativa! Eu tinha-o ouvido durante o caminho fazer mil projectos para o emprego dos cinco tostões, comprar bolos, ir ao theatro, alugar um burro, mil extravagancias que elle acariciava com o amor de criança! N'aquelle momento não trocaria os cinco tostões por um imperio!

«Depois de contemplar por um instante o velho, estendeu a mão para mim, tirou-me do ramo, e deixou-me cair no chapéo do mendigo.

«E depois de ter gozado por um instante da estupefacção do pobre homem, deixou-se escorregar da arvore, e escapou-se sorrateiramente.

«O garoto desapparecêra; mas quem olhasse bem podia ver alvejarem vagamente, na escuridão nocturna, as azas luminosas do anjo da caridade.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

BRASIL

DEPUTAÇÃO DE INDIOS GUARANYS AO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE S. PAULO

Deve o *Archivo* a gravura que acompanha este artigo, e outra que será publicada no proximo numero, ambas copiadas de duas photographias, bem como as noticias que a seu respeito se seguem, á obsequiosa benevolencia do sr. Francisco de Paula Belfort Duarte, residente na cidade de S. Paulo, capital da provincia do mesmo nome.

Acreditâmos que os nossos leitores acharão interessante o assumpto, não só porque revela os progressos que a civilisação vae fazendo entre os gentios d'aquella parte da America, mas tambem porque, tratando-se de um facto importante para o futuro desenvolvimento do Brasil, o nosso paiz, ligado como está com aquelle imperio por tantos e tão variados vinculos, não póde deixar de applaudir, e regozijar-se com tudo quanto seja tendente a promover a sua prosperidade. Eis pois as noticias a que nos referimos:

«As duas gravuras retratam alguns dos quarenta e tres indios, que, segundo nos refere o relatorio do então presidente d'esta provincia, o conselheiro Amaral Gurgel, em principios de fevereiro d'este anno, chegaram a esta capital, vindos do Itacorá ou Salto-Grande, sob as ordens do seu chefe Uiracamby, a quem davam o nome de Cacique, representado na estampa pelo n. 1.

«A sua peregrinação teve por fim solicitar do governo provincial as necessarias providencias para se estabelecer uma aldeia regular no local onde demoram.

«Pertencem estes indios á tribu dos *Guaranys*, indubitavelmente a que possue mais bellas tradições, e a que apresenta aos olhos do observador um typo melhor, e de mais regulares feições, de entre todas as tribus indigenas que habitam as ferteis regiões do Brasil.

«As suas fórmas guardam entre si boas proporções, e o corpo reune á muita força muscular notavel flexibilidade, circunstancias estas que se dão em alguns individos por tal maneira caracterisadas, que fazem lembrar aquellas estatuas da antiguidade, que tanto assombro nos causam.

«Nos exercicios physicos é para pasmar a sua agilidade, destreza e precisão do olhar. Activos e incançaveis quando o querem ser, não ha quem os vença na marcha, nem ao menos quem possa seguil-os de perto na velocidade da carreira. Em geral a sua physionomia é intelligente e franca. Tem os olhos pretos, o sorriso indolente mas perspicaz; os cabellos em completo desalinho, e tão negros que brilham com reflexos semi-azulados.

«Vivem nos sertões, e a sua vida é ainda meio selvagem. N'essas paragens tem por unico vestuario uma simples *tanga*. O instincto respeitador que votam a uma civilisação que só de longe conhecem, é tão poderoso n'aquellas almas transviadas da communhão social, que, uma vez recebida alguma roupa, a troco da sua industria, guardam-n'a com escrupuloso cuidado, a fim de que possam apparecer decentemente trajados em alguma povoação, onde os conduza a força das circunstancias.

«As incalculaveis vantagens que resultariam para o progresso d'este paiz, da catechese de seus indigenas, estabelecida em solidas bases; o grande augmento que d'ahi colheria a agricultura, e o incremento dado á nossa sociedade em geral, tem sido desconhecidos pela quasi totalidade dos governos brasileiros; sendo todavia a boa catechese um facto moral e economico de não difficil resolução. Opiniões esclarecidas e pensadoras, tem, mais de uma vez, reclamado a attenção dos poderes publicos para esse importante ramo do serviço do estado, tão mal dirigido e encaminhado.

«Tem sido fundadas, é bem verdade, algumas aldeias de indios, e para ahi tem sido enviados missionarios, mas quasi sempre sem recursos, e os estabelecimentos a que alludimos estão bem longe da regularidade e protecção a que tinham direito.

«É assim que milhares de homens, espalhados pela immensa área do nosso territorio, embrenhados por florestas interminaveis, anciando pelo baptismo salutar da civilisação, esperam debalde o *fiat lux* regenerador. O homem civilisado cruza os braços diante do selvagem que lhe supplica o illumine com a centelha electrica da verdade!

«Não se nos diga que as raças indigenas do Brasil são por natureza avessas ao estado regular de sociedade. A observação de pessoas estudiosas tem demonstrado que o indio brasileiro tem uma idéa mais ou menos exacta da propriedade; que, como homem, se reconhece por dominador diante da materia bruta

que o rodeia; que a necessidade o impelle a imprimir a santa effigie do trabalho nos productos que lhe offerta o opulento solo do paiz; e que julga a terra, que uma vez banhou com o suor da sua fronte, como um objecto que deve ser respeitado pelos outros povos, assim como reputam sagrada a sua imprescriptivel liberdade. A propriedade é pois um direito que tem seu culto no seio da sociedade semi-barbara em que elles vivem.

«Mas o homem sem recursos, sem os meios necessarios para vencer as resistencias da materia, de modo que possa amoldal-a a todos os usos possiveis, que de obstaculos não encontra em sua sublime tarefa! Quantas vezes, fatigado de improficuo combate, não estacará desanimado diante da invencivel barreira que o faz parar! D'ahi vem o quebrarem-se as forças sem resultado; e a morte do trabalho, ou, pelo menos, a sua paralysação e desvirtuação, é a consequencia forçada do desprezo em que é tida essa fonte fecunda de riqueza para o estado — a catechese dos indigenas.

«Em o nosso parlamento ouve-se todos os dias clamar que a agricultura deve attrahir as vistas solicitas dos governantes, e que a falta de braços tem sido e ainda é o cancro anniquilador da nossa lavoura nascente. Tem sido gastas grandes sommas com a colonisação estrangeira, que tem provado mal, ao passo que não se cura dos indigenas, cujo braço poderoso poderia ser utilisado em proveito do solo, já de si esplendido d'esta abençoada terra.



Cacique e indios guaranys

«É muito de esperar que a actual politica, fundada no consenso unanime da nação, dirija a sua benefica acção sobre este problema social, que a razão já resolveu, e cuja solução a pratica não tem querido sanccionar.

«Antes de terminar, é justo dizer que as photographias (reproduzidas aqui pela gravura) são obra do distincto artista portuguez o sr. Perestrello da Camara, que se prestou de mui boa vontade a tal mister — S. Paulo 4 de maio de 1864. — *Francisco de Paula Belfort Duarte.*»

Juntando os nossos votos aos d'este illustrado escriptor, cremos que o governo imperial não tardará a applicar a sua attenção e serios esforços para esse assumpto, em que se acham egualmente interessadas a causa da civilisação, e a prosperidade e futura grandeza do Brasil.

A immensa importancia da questão do trabalho, tomando de dia para dia maior vulto, pelo proprio incremento da agricultura, e pelo mallogro, ou insufficientes resultados dos systemas ensaiados de colonisação estrangeira, chamará brevemente, sem duvida, a solicitude dos poderes publicos para a resolução d'aquelle problema. O acontecimento, que motivou as esclarecidas considerações do sr. Belfort, é um annuncio feliz, que ha de estimular, certamente, aquella solicitude.

Diversas tentativas, feitas para o mesmo fim sob o governo del-rei D. João VI, ainda que fossem mal dirigidas, demonstraram comtudo as muitas difficuldades da empreza. As diligencias dos missionarios e dos agentes do governo chegaram a alcançar que al-

gumas tribus se prestassem de bom grado, não só a viver em estado social nas aldeias que lhes fundaram, mas tambem a occuparem-se em varios trabalhos productivos, mas pouco pesados. Porém o que nunca poderam conseguir, talvez por defeito dos meios empregados, foi que essas tribus, já meio civilisadas, se sugeitassem ás duras e incessantes fadigas da lavoira. Oppõem-se duas fortes causas a este sacrificio, e n'ellas consiste, em nossa opinião, a maxima difficuldade para a resolução pratica do citado problema.

O clima, limitando por um lado as necessidades do homem, e o solo, por outro lado, provendo generosa e espontaneamente á sua subsistencia, são essas duas causas que mais hão de contrariar todos os esforços para levar por diante a colonisação dos indios.

Entretanto, a vontade energica de um governo, ajudada do estudo e da perseverança, e secundada pelos esforços da nação, podem vencer obstaculos que pareçam insuperaveis.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 135)

XXVIII

A 30 de junho de 1861 Victor Hugo terminou os *Miseraveis*, monumento grandiosissimo, que Mirécourt annunciára em 1853 na biographia do poeta, como sendo romance em seis volumes, que se devia publicar sob o titulo de *Miserias*.

Castilho, na «conversação preambular» do poema *D. Jayme*, diz que nos *Miseraveis* ha um evangelho social. [1] Esta asserção é o maior elogio de tão espantosa obra, espantosa pelas proporcões, pelos traços, pelo desenvolvimento, pelo estilo, pelo desfecho, pela nomeada que para logo adquiriu, e pelos resultados que alcançará em prol do progresso e da humanidade.

Voituron tambem faz aos *Miseraveis* notavel elogio nos seus preciosos estudos philosophicos, quando, no fim d'elles, escreve assim:

«Esta epopéa da nossa epocha será, de certo, collocada ao lado de todos os monumentos litterarios dos tempos antigos, que mereceram a admiração dos povos civilisados». [2]

De todos os povos — porque os *Miseraveis* encontram-se vertidos em todas as linguas.

No dia em que Victor Hugo terminou este novo monumento do seu engenho, escreveu ao seu amigo Augusto Vacquerie esta carta:

«Presado Augusto — Esta manhã, 30 de junho, ás oito horas e meia, com esplendido sol nas minhas janellas, acabei os *Miseraveis*. Sei que a novidade lhe interessará, por isso desejo que de mim proprio a conheça. Devo-lhe esta carta de participação. Tem affecto á obra, e teve já a bondade de annunciar-m'a no seu admiravel livro *Profils et Grimaces*. Saiba que a criança passa bem. Escrevo-lhe estas linhas com a ultima gota de tinta que sobrou do livro.

«E sabe onde o acaso me levou para terminar este livro? Ao campo de Waterloo. Alli estive seis semanas, quasi escondido. Creei um antro ao lado do leão, e n'elle escrevi o desenlace do meu drama. Foi na planicie de Waterloo, e no mez de Waterloo, que dei a minha batalha. Espero não havel-a perdido.

«Escrevo-lhe da aldeia de Mont-Saint-Jean. Sairei ámanhã, continuarei a minha viagem pela Belgica, e irei mais longe, se me fôr possivel ir.

«Está, portanto, acabado o livro. Mas quando apparecerá? É outra qnestão. Reservo-me examinal-a depois. Como sabe, não tenho pressa em publicar o que escrevo. O importante para mim é que os *Miseraveis* estejam concluidos. Agora estou ultimando o *Fin de Satan*, e no entretanto fecharei os *Miseraveis* com seis chaves, *con seis llaves*, como diz o seu grande confrade Calderon.........................

«Até breve. Se me escrever, mande-me a carta por Carlos, que tambem trabalha. — *Tuus* — *V. H.*»

Estava bem e gloriosamente ganha a batalha!

A 18 de junho 1815, Napoleão I, o genio da guerra e o dominador da Europa, dava em Waterloo ousada e horrenda batalha — e perdia-a com o throno!

Passados 46 annos e 12 dias, Victor Hugo, o genio da litteratura e o dominador da Europa pelo talento, dava outra batalha espantosa em Waterloo — e ganhava-a, firmando o novo throno em immorredoira gloria!

O primeiro encontrava no campo 240:000 homens promptos a despedaçarem-se, e deixava, com effeito, n'aquella voragem mais de 49:000 — quer dizer, a ruina de 49:000 familias.

O segundo só encontrava no campo recordações bellicosas, porém trazia comsigo 3:000 paginas admiraveis — quer dizer, a regeneração de 3:000 povos.

Napoleão I, em Waterloo, representaria a destruição do genero humano.

Victor Hugo, em Waterloo, representou unicamente a emancipação da humanidade.

Para um — a guerra com a espada!

Para o outro — a paz com a penna!

Mas o ultimo, na paz, ficou mil e mil vezes superior ao primeiro, na guerra.

Porque um invadia e luctava para destruir e separar — e o outro invade e lucta para edificar, para unir, para congraçar, para fraternisar.

Esta é a missão dos *Miseraveis*, porque é a missão do progresso, da virtude e da justiça.

XXIX

Ainda fallaremos da monumental obra para contarmos o facto curioso referido na biographia Beauvallet.

Á memoravel data de 30 de junho, diz elle, liga-se um facto extraordinario que deve ser conhecido.

Em 1847, Augusto Vacquerie, que lêra alguns fragmentos dos *Miseraveis*, queixava-se de que não houvesse em a natureza phenomeno que annunciasse ao mundo a vinda de uma obra prima.

—«Depois de instarmos muito, Victor Hugo abriu a sua magnifica secretária chineza, e, como este millionario de idéas estava em occasião de prodigalidade, disse-nos que escolhessemos o que quizessemos, ode, romance ou drama. As trinta gavetas do encantador movel trasbordavam de manuscriptos accumulados... Hesitámos entre essas maravilhas, como mulher entre as rendas e as perolas. *Nossa Senhora de Paris* dizia-nos: escolhe o romance; e as *Vozes interiores:* escolhe os versos; porém *Maria Tudor* gritava-nos: toma o drama. Não podendo decidir-nos, fechámos os olhos e dirigimo-nos a uma gaveta, ao acaso. O acaso deu-nos o romance.

«Lemos, pois, o começo da epopéa dos *Miseraveis*, que ultrapassará, predizemol-o sem receio, a fortuna miraculosa da *Nossa Senhora de Paris*...

«...quando Hamlet se digna honrar o globo com a sua presença, devia commover-se tudo, deviam brotar do solo flores extraordinarias, deviam ouvir-se no ar musicas celestiaes, as estrellas deviam approximar-se para ver, e os cometas deviam correr perturbados!» [1]

[1] *D. Jayme*, poema por Thomaz Ribeiro, com uma conversação preambular pelo sr. A. F. de Castilho, 1.ª ed. 1862, pag. XI, 2.ª ed. 1863, pag. LIX.

[2] *Estudos philosophicos e litterarios ácerca dos Miseraveis*, por Paulo Voituron, trad. de F. F. da Silva Vieira, 1863, pag. 179.

[1] *Profils et Grimaces*, 1.ª ed. 1856, pag. 111 a 114.

Oiçamos Beauvallet:

«Em a noite de 30 de junho 1861, quando Victor Hugo terminava os *Miseraveis*, appareceu um cometa que não fôra previsto por nenhum astronomo.

«Não existirá, porventura, relação intima e mysteriosa entre as revoluções dos corpos celestes e os grandes acontecimentos humanos?

«Os romanos, menos incredulos que nós, tinham a palavra *vate* para designar o poeta e o propheta. No fundo do poema não se encontrará uma prophecia?

«O astro resplendente no ceo, na occasião em que apparece na terra, não é successo vulgar nem indifferente. Este cometa não será uma irmã luminosa do poeta explorador da luz?

«Como quer que seja, o cometa de 30 de junho ha de ser sempre o cometa dos *Miseraveis*».

Este livro, comprado por 400:000 francos [1] pelo editor belga Lacroix, publicado em França por Pagnere, e quasi ao mesmo tempo no Rio de Janeiro, na Suissa, na Inglaterra, na Allemanha, na Italia, na Hespanha e em Portugal, obteve um successo como não ha memoria de ter conseguido outro livro até hoje.

Arrebatados por este exito maravilhoso, que, póde-se dizer, ultrapassou as suas bem fundadas esperanças, os editores belgas, ao terminar a publicação dos *Miseraveis*, resolveram dar a Victor Hugo um banquete, para o qual foram convidados mui distinctos escriptores belgas, francezes e de outras nações.

O banquete realisou-se a 16 de setembro 1862, em Bruxellas. [2] Estiveram alli, entre outros, Pélletan, Luiz Blanc, Texier, Habeneck, francezes; Ferrari, italiano; Pigott e Lowe, inglezes; Cuesta, hespanhol; os redactores da *Independencia Belga*, do *Economista Belga*, e de varios periodicos de Anvers, de Charleroi e de Gand. Tambem esteve presente o primeiro magistrado de Bruxellas.

XXX

Durante a impressão dos *Miseraveis*, Victor Hugo terminou mais dois volumes de versos, as *Canções das ruas e dos bosques*, que ainda se publicarão este anno; um volume de prosa, *William Shakspeare*, que já se publicou; e os poemas *Deus* e o *Fim de Satanaz*.

Além d'isto, o poeta, quando quizer, poderá imprimir dois dramas, os *Gemeos* e *Torquemada*, e mais dez ou doze volumes, que se encontram dispersos em apontamentos, correspondencia e miscellanea, em cima da mesa do mirante de Hauteville-house, ou nas gavetas da secretária, ou dentro de alguns livros.

Da variedade d'estas obras far-se-ha idéa lendo a carta que Augusto Vacquerie dirigiu a Ernesto Lefèvre, narrando-lhe a vida do poeta em Guernesey, e as suas relações com elle. Aqui está um excerpto:

«Tenho (em casa de Victor Hugo) uma bibliotheca unica! Sabes o que li este anno? Em poemas, *Deus*, o *Fim de Satanaz*, e as *Pequenas epopéas;* em dramas, *Homo*, o *Theatro em liberdade*, e os *Dramas do Invisivel;* em lyrismo, as *Contemplações* e as *Canções das ruas e dos bosques;* em philosophia, um livro que ainda se não póde concluir em vinte annos de meditação, e o qual se intitulará *Ensaio de explicação;* — tenho como bibliotheca os manuscriptos de Victor Hugo! Vou ao interior d'estas obras primas em que ninguem entrou... É commoção indescriptivel — estar sósinho n'estes mundos inéditos, n'estas estrophes não patenteadas, na pureza d'estas creações, e na virgindade d'estas auroras!» [3]

William Shakspeare, como dissemos, já se publicou. Saíu a lume em abril do corrente anno 1864. É uma epopéa dedicada á Inglaterra. Pinheiro Chagas, o talentoso e elegante escriptor, tratou d'esta obra em notavel artigo. Pertence-lhe o trecho seguinte:

«Victor Hugo, trabalhador infatigavel, lançou ao mundo um novo livro. Esse livro intitulava-se *William Shakspeare!*

«O titulo deslumbra. O genio commentando o genio! Victor Hugo, debruçando-se sobre o abysmo do passado, bradando a Shakspeare: «Surge!» e dizendo-lhe: «Irmão!» Prometheu levantando o Etna dos seculos, e resuscitando Encélado! Hernani introduzindo Othello! O poeta dos *Burgraves* fazendo reverdecer os loiros do auctor de *Ricardo* III! Era para excitar a curiosidade.

«Se o titulo deslumbra, o livro ainda deslumbra mais! É o poema de arte, é a historia das manifestações do genio da humanidade! A aguia de Guernesey prende o leitor nas garras, e, arrastando-o fascinado e enthusiasmado pelos espaços onde reina, fal-o contemplar successivamente essas montanhas gigantes, que se chamam Homero, Job, Isaías, Ezechiel, Lucrecio, Juvenal, Tacito, S. João Evangelista, S. Paulo, Dante, Rabelais, Cervantes, Shakspeare. Essa procissão de genios, a que outro genio dá vida, passa por diante dos olhos deslumbrados do leitor. É um espectaculo maravilhoso!

«Este livro não se póde evidentemente classificar entre os livros de critica! É o poema do genio! É a Iliada do ideal! Todos os vultos que alli apparecem tem uma estatura sobrehumana, tem as proporções formidaveis dos heroes de Homero! O que é o cantor de Achilles? É o enorme poeta criança! É o passaro cantor da aurora colossal da humanidade! É o sol gigante, em torno do qual giram esses planetas que se chamam Virgilio, Lucano, Tasso, Ariosto, Milton, Camões, Klopstock e Voltaire»! [1]

Pinheiro Chagas trata, com effeito, dos planetas a que se refere Victor Hugo no seu grandioso livro *William Shakspeare*, e conclue o citado artigo d'este modo:

«Já vêem, pois, que se engana completamente quem julgar encontrar um livro de critica n'esse admiravel volume. Encontra melhor do que isso. Encontra um soberbo poema. Quem se atreve a accusar Victor Hugo de não poder acanhar a sua elevada estatura de poeta? Os gigantes, como elle, não podem deixar de rasgar nos assumptos, que atravessam, as portas immensas da epopéa».

XXXI

Ha muita gente que não acredita que as obras de Victor Hugo tem tido consumo extraordinario, como ainda não teve as obras de algum outro escriptor. Mais que extraordinario — maravilhoso!

Eis a prova.

Das obras de Victor Hugo vendem-se tres edições completas simultaneamente; a edição de Furne, que é in-8.° grande; a edição de Michaud, que é in-8.° commum; e a edição de Charpentier, que é in-18.°

Em cinco annos, desde 1 de julho 1841 até 1 de agosto 1846, venderam-se:

Da edição Michaud, 17:073 volumes. Da edição Charpentier, 71:600 volumes. A edição Furne appareceu em fevereiro 1843. D'esta data a 1846, isto é, em tres annos e meio, venderam-se 57:745.

Em 1844 imprimiu-se a edição illustrada de *Nossa*

[1] 72:000$000 réis approximadamente.

[2] A este respeito se publicou em Lisboa um opusculo intitulado: *Festim dos Miseraveis. A glorificação da imprensa*, por Victor Hugo. É em parte extrahido de um artigo da *Independencia belga*, e contém o discurso que o poeta proferiu, no mencionado banquete, em honra da imprensa, cujos insignes representantes o ouviam enlevados. — 14 pag. in-8.°, 1862.

[3] *Profils et Grimaces*, 1.ª ed. 1856, p. 298 e 299; 2.ª ed. 1864, p. 423.

[1] Este artigo, verdadeiramente admiravel, foi publicado no folhetim da *Gazeta de Portugal*, n. 453 de 22 de maio 1864. Do talento de seu auctor, o sr. visconde de Azevedo, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, aprimorado escriptor, dizia ha pouco o seguinte:

«Espantou-me o dizeres que o teu collaborador Pinheiro Chagas só tem 22 annos! Se continuar no andamento em que vae, será aos 35 o nosso primeiro escriptor». (Carta estampada em o n. 495 do periodico citado)

Os leitores do *Archivo Pittoresco* sabem muito bem que isto se encontra demonstrado em innumeras paginas escriptas pelo nosso talentoso collaborador.

Senhora de Paris. Em dois annos venderam-se 6:000 volumes.

Em 1845 publicou-se mais uma edição in-4.° de duas columnas, especialmente destinada ao theatro. No curto espaço de um anno venderam-se 8:500 peças.

Total dos volumes vendidos em cinco annos, 160:918 volumes.

A estes apontamentos, que encontrámos na obra já mencionada de Vacquerie, accrescentaremos o seguinte:

«A somma de *cento sessenta mil, nove centos e dezoito* volumes foi alcançada com cinco edições, duas das quaes se exhauriram em cinco annos; uma, em tres annos apenas; outra, em dois annos; e a ultima, em um anno. Tome-se a média, e supponha-se que todas as edições se exhauriram em quatro annos. *Cento sessenta mil e novecentos* volumes, em quatro annos, dá mais de quarenta mil volumes por anno». [1]

Calculando o preço de cada volume, pelas edições de Garrett ou de Alexandre Herculano, a 600 réis, teriamos no fim do anno 24:000$000 réis, e ao cabo dos cinco 120:000$000.

E as outras obras do poeta, que não foram mencionadas? Os *Miseraveis*, *William Shakspeare*, e diversos opusculos publicados depois de 1847?

Da edição dos *Miseraveis*, no termo de tres mezes, haviam-se consumido mais de *quatrocentos mil volumes*, a seis francos cada um, ou 1$200 réis, que foi o preço por que se compraram em Lisboa!

Além d'isto devemos observar, que as edições de Victor Hugo não estiveram isentas da contrafacção, e que das obras reproduzidas na Suissa, na Prussia e em outros paizes, ninguem sabe o consummo que tem tido.

(Continua) P. W. DE BRITO ARANHA.

METAPHORAS OU FEIRA DE ANEXINS

(Vid. pag. 128)

IV

EM METAPHORA DE DENTES

— Vossê traz entre dentes os anexins, e a unhas e a dentes é contra elles.

— Pois não!

— Se as metaphoras é coisa que tendo tanto dente de coelho, não ha quem lhes não queira metter o dente.

— Quanto aos presentes dialogos, bem os temos mordido, e elles quiçá estão esgaravatando os dentes.

— Quem lhes quebrára os dentes!

— O que mais me faz bater o dente, é que haja quem os oiça e lhes arreganhe os dentes.

— Pois os ouvintes que aos outros fazem mostrar os dentes com parvoices da sua necedade!

— A quem doe o dente deve doer a dentuça.

— Homem, de que vos «queixaes»?

— Deixae-os dizer, não vos mettaes «em presas» similhantes.

— Fallem elles até lhes cairem os dentes.

— Eu não sei fallar por entre os dentes; o que me parece mal logo o hei de reprehender a dente fechado.

— E que vos parece mal?

— Dizer asneiras.

— Oh! Olhae não vos cáiam os dentes com alguma discrição.

— Tambem vós mereceis um lavadente.

— Pois «dá-lho», amigo.

— Tambem tu parece que queres que dentem.

— Olhem quem me ameaça! Tu que nas pendencias és o primeiro que os amolas!

— Bom equivoco! Para aquillo esteve aguçando os dentes, no cabo veiu a dar com os narizes em um sedeiro.

— Homem, a mim ainda me não vieram os do siso; mas vós, que penteaes discrições de ancião, dentes de cavallo marinho.

— Isso é velho, que o senhor é já cerrado.

— Elle serra commigo.

— Temol-a travada. Pois as minhas armas são os dentes.

— Boa armação!

— Senhores, sejamos prudentes já que nos mettemos a elephantes.

— Vossês tem feito a metaphora de Cadmo.

— É bem cadimo vossê, porque lhe vão faltando os dentes, já os quer mudar por parecer menino.

— Não é senão que temos os dentes abalados, e haverá carradas de dentes se Santa Apollonia nos não acode, que somos grandissimos sacamolas de equivocos, e das raizes de um nos nasceram ás carradas.

— Muito de dente botado está vossê!

— Tenho assim dentes de discreto, e enfadam-me homens que não sabem antes cerrar os dentes em uma pedra, que dar de comer a maldizentes.

— Elles folgam, riem, e galhofêam, e talvez vivam de dizer graças.

— E que tem que vos mordam?

— Primeiro estão dentes que parentes.

— A isso ferrarei eu os dentes no beiço.

V

EM METAPHORA DE BARBA

— Para essa metaphora venho eu de barba feita.

— Bom anexim para um homem com barbas no rosto!

— Antes aquelle foi de bigode.

— Por estas que Barbosa não diria outro tanto.

— N'esses ditos é vossê barbado.

— Nem me vi ainda tão abarbado como vossemecê.

— Sim, tem tido Barbuda?

— Não: os seus equivocos são de Cancere.

— Podiam ser de Calderon nos papeis de barbas, se as deitar de remolho.

— Ao menos tirou-as melhor de vergonha.

— Barbas tem vossê para isso. E o outro que escapou por innocente a Herodes!

— Que tem Herodes com as barbas?

— Os bigodes.

— Famoso barbarismo!

— Dê-lhe alli a barbella.

— O sabonete está bello para a barba.

— Não: é que corta a navalha.

— Venha um barbante que temos de fazer pinceis.

— Santa Barbara! Não ha um raio!

— Essa barbacã não corre risco com corisco.

— Barba cã é a sua.

— Olhe não desconfie, que é o valente Barbarroxa.

— Bem sabe o gato cujas barbas lambe.

— Já elle estava com a barba no ar; mas vossê tem a culpa.

— Sim; bote-me vossê a mim o gato nas barbas.

— Vossês desculpam-se um com o outro, e eu hei de lhes arrepellar as barbas.

— Vossê é barbaleda, não ha de fazer tal, ainda que fôra ao Barbuda de Leça.

— Pois unte-me a barba.

— Ai! quer ser Santintrudo.

— Isso é pulha.

— Pois que mau é metter a barba no calix sem dizer missa?

— Ainda assim, mais vale barriga cheia que barbas untadas.

— Ponhamo-nos de bigodeira.

— Homem, alli o amigo está caindo com lazeira, não tem mais que barbas no rosto, se tendes alguns guizadilhos em casa, «dálhos».

— Bom equivoco!

— Orelha, amigo.

— Ai! que esta metaphora faltava ainda.

[1] *Profils et Grimaces*, 1.ª ed. pag. 153, 2.ª ed. pag. 239.